

VAMOS JUNTOS
SUPERAR
ESSA CRISE.

A INDÚSTRIA NO COMBATE
À COVID-19.

NÚMERO 26

BOLETIM SESI COVID

QUINTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2021



DEPOIS DOS ADOLESCENTES, A VACINA ESTÁ PRÓXIMA DAS CRIANÇAS

Pfizer e BioNTech anunciaram na última segunda-feira que a vacina desenvolvida por elas contra a COVID-19 possui um perfil de segurança favorável e respostas imunitárias adequadas em crianças de 5 a 11 anos de idade.

A conclusão vem dos [resultados preliminares de testes de fase 2 e 3](#), nos quais foi empregado um regime de duas doses com 21 dias de intervalo. Essa dosagem é um terço da utilizada para pessoas com 12 anos ou mais.

As duas empresas já entraram com pedido de autorização nas agências reguladoras americana (FDA) e europeia (EMA) para o uso da

vacina em crianças que têm entre 5 e 11 anos. Em breve, a Pfizer fará o mesmo pedido na Anvisa. Isso significa que caminhamos para uma situação de cobertura vacinal completa, que permitirá que o próximo ano letivo regular brasileiro, com início em fevereiro, ocorra sem sobressaltos.

O chamamento que hoje pede para pais e mães vacinarem seus filhos adolescentes será estendido para: “Pais e mães, vacinem suas crianças”. Mesmo assim, ainda precisamos manter todas as ações de distanciamento ainda necessárias. ■

CONCEITO

O FALSO PARADOXO ENTRE COBERTURA VACINAL E INTERNAÇÕES

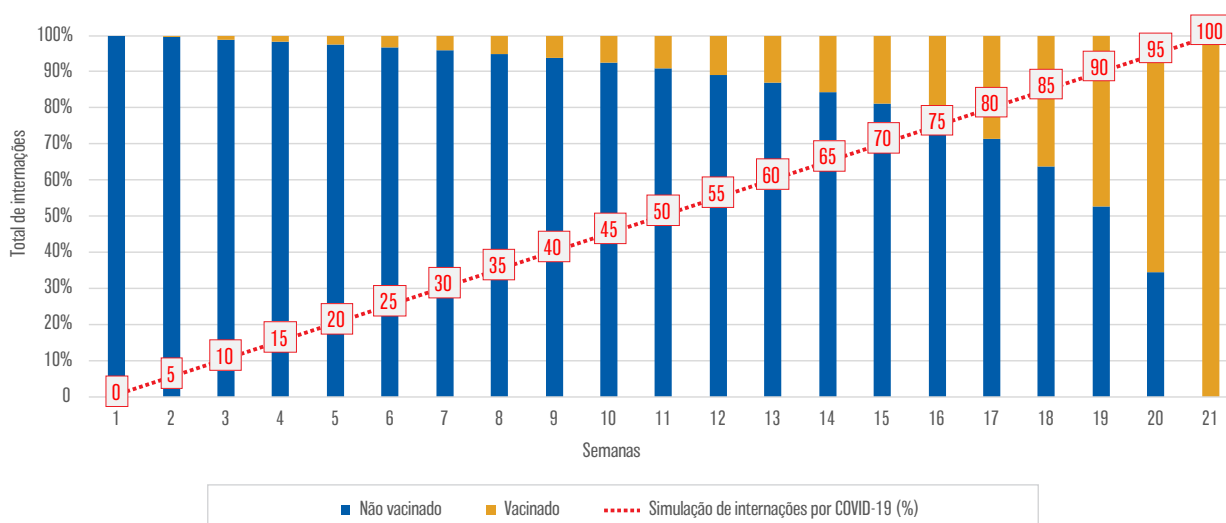
Notícias sobre internações e mortes em pessoas vacinadas pela COVID-19, principalmente quando se trata de figuras com notória exposição pública, geram dúvidas a respeito da efetividade das vacinas. É a oportunidade para que porta-vozes do negacionismo apregoem a ideia de que há cada vez mais casos da doença e óbitos em quem tomou a vacina. Essa afirmativa é totalmente verdadeira, porém não indica falha alguma na campanha de imunização. Pelo contrário, como demonstra a simulação descrita a seguir e ilustrada no gráfico.

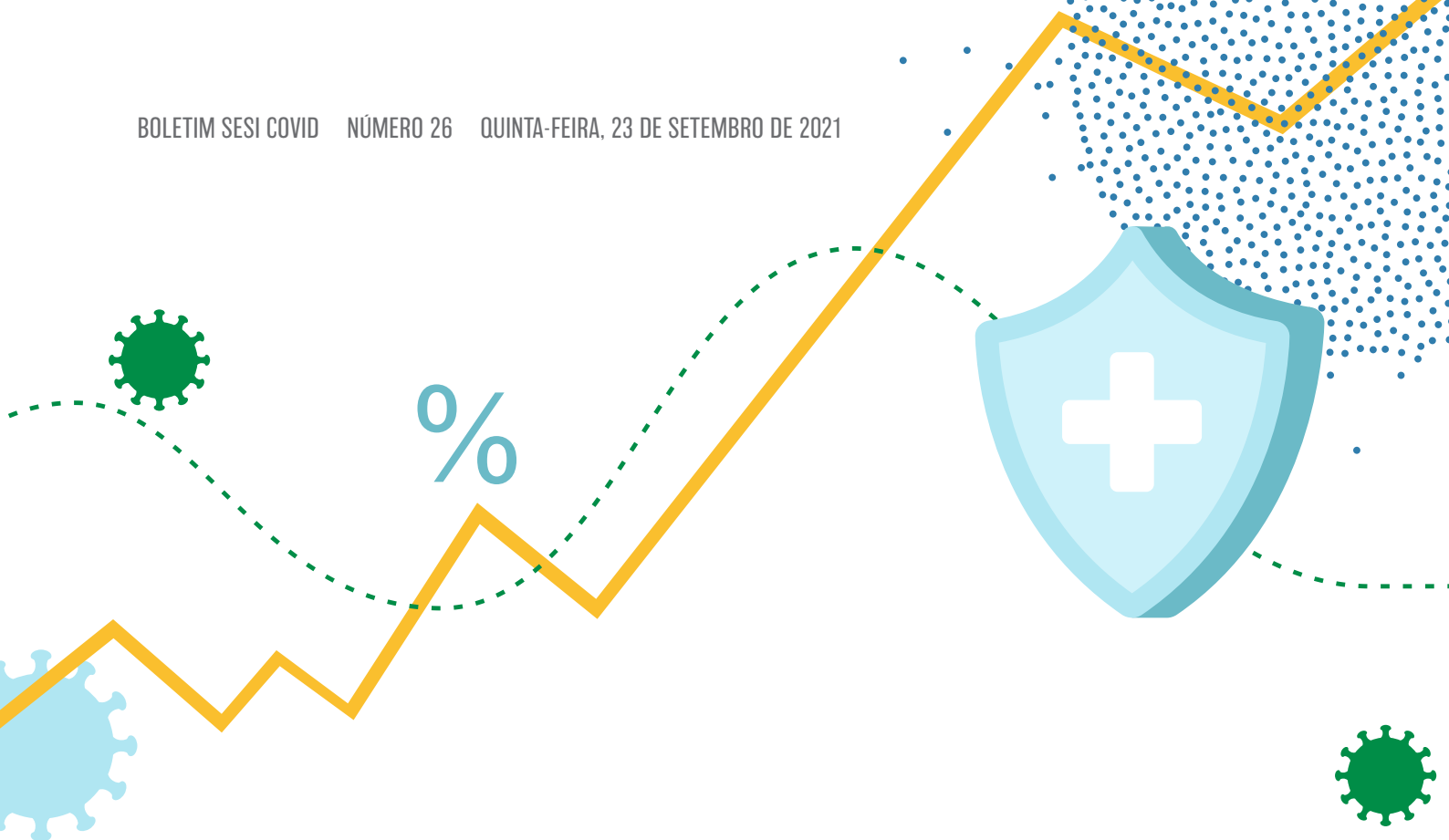
Suponhamos que uma localidade tem, a cada semana, uma média de 1,5% de sua população com internação por casos de COVID de nível leve a grave. A campanha vacinal se inicia

com um imunizante com eficácia de 85% em prevenir hospitalizações. A cada semana, 5% da população dessa localidade é vacinada.

Assumindo que as medidas de distanciamento foram mantidas e que a vacina não interfere na contagiosidade, se observará a queda progressiva dos casos. Como o imunizante não pode evitar 100% dos casos, o aumento na proporção de pessoas vacinadas levará a um aumento progressivo no número de internações de vacinados. Dessa forma, ao se chegar à completa cobertura vacinal da localidade (100%), todos os casos ocorrerão em indivíduos imunizados. A diferença é que, associadamente a isso, houve uma queda imensa (85%) do número de ocorrências de hospitalização pela COVID. ■

SIMULAÇÃO DE INTERNAÇÕES POR COVID-19 EM RELAÇÃO À COBERTURA VACINAL





TENDÊNCIAS

EXCESSO DE MORTES EM 2020: A SITUAÇÃO DOS ESTADOS

A contagem de mortes feita apenas com o diagnóstico de marcadores do coronavírus (o teste RT-PCR) é insuficiente para mostrar a magnitude de uma pandemia. Primeiramente, porque muitas vezes o teste não foi aplicado a tempo ou a sensibilidade desse teste não permitiu o diagnóstico. A outra razão é que a pandemia desestruturou todo o sistema de saúde (no mundo inteiro), o que causou um aumento da letalidade de muitas outras doenças, na comparação com períodos anteriores a 2020.

Recentemente, o Ministério da Saúde divulgou os dados preliminares sobre a mortalidade

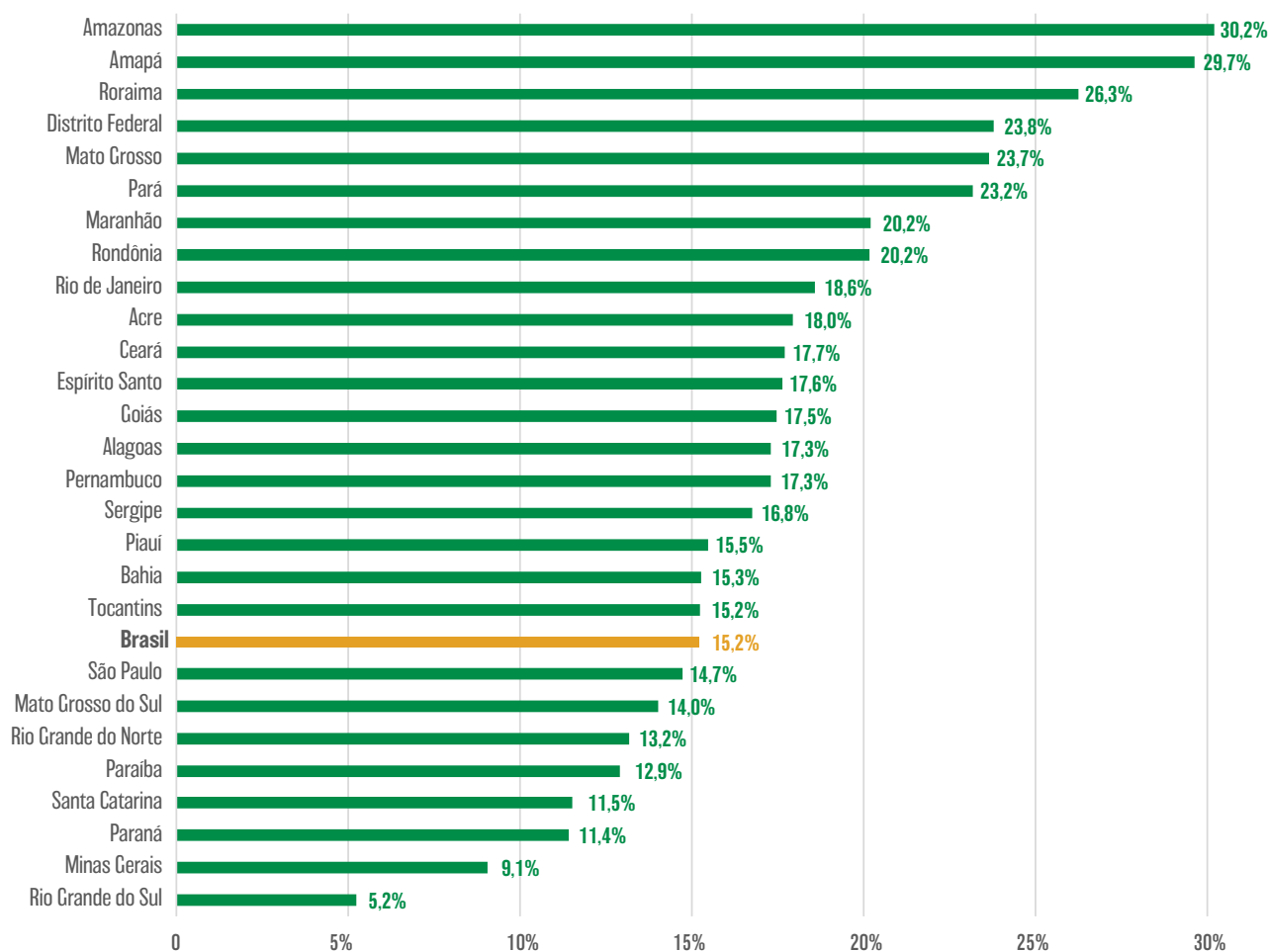
em 2020. Apesar da limitação, esses dados são bem mais acurados do que os vindos de outras fontes que estavam sendo utilizadas, como, por exemplo, o Registro Civil.

O gráfico aqui apresentado mostra a diferença ocorrida em 2020 em relação à média de óbitos verificada entre 2017 a 2019 para ambos os sexos, todas as idades e todas as causas de falecimento. O excesso de mortes em todo o país no ano passado foi de 15,2%.

Observa-se um impacto muito maior da pandemia na região Norte, seguida pelo Centro-Oeste. O estado do Amazonas (30,2%) atin-

© iVector/istockphoto.com

EXCESSO DE MORTES EM 2020 EM RELAÇÃO AO PERÍODO DE 2017 A 2019



Fonte: DATASUS, Ministério da Saúde

giu um número que equivale ao dobro do excesso de mortalidade do país e seis vezes maior do que o registrado no Rio Grande do Sul (5,2%). A região Sul e mais dois estados da região Sudeste, São Paulo (14,7%) e Minas Gerais (9,1%), ficaram com valores abaixo da média nacional. Por outro lado, o excesso de mortes no Rio de Janeiro (18,6%) e no Espírito Santo (17,6%), também do Sudeste, superou a média

nacional. Na região Nordeste, a situação é intermediária, com alguns estados chegando a valores elevados, como Maranhão (20,2%) e Ceará (17,7%), e outros abaixo da média nacional, como Rio Grande do Norte (13,2%) e Paraíba (12,9%).

É importante lembrar, porém, que a maior quantidade de óbitos ocorreu em 2021, o que pode alterar bastante esse quadro. ■

ENTREVISTA **ROGÉRIO AZEVEDO****GERENTE DE SAÚDE DA EUROFARMA**

Rogério é médico com formação em Clínica Médica e Medicina do Trabalho, e especialização em Administração de Serviços de Saúde pela FGV.

“O maior desafio dos gestores de saúde é combater a desinformação sobre vacinas, convencer sobre a necessidade de manter as medidas de proteção enquanto não temos ampla cobertura vacinal”



Quais medidas foram adotadas pela Eurofarma com o objetivo de minimizar os riscos de contaminação pela COVID-19?

A Eurofarma implementou diversas medidas de proteção para seus funcionários, discutidas e aprovadas pelo [seu] Comitê de COVID: trabalho remoto, licença remunerada para os grupos de risco cujas atividades não poderiam ser realizadas remotamente e medidas relativas a distanciamento social, como o aumento substancial da frota de fretados e a alteração de turnos para o uso dos refeitórios. Elaboramos e aprovamos um protocolo bastante amplo para identificação de casos de síndro-

mes gripais e suspeitos de COVID-19, além de rastreio de contactantes. Firmamos contrato direto com a rede DASA para testar todos os casos de síndrome gripal, agilizando o diagnóstico e, conseqüentemente, as medidas de quarentena, isolamento e rastreio de contatos. Houve também a restrição de viagens, reuniões presenciais e visita de fornecedores e parceiros. Fizemos dezenas de comunicados, sinalizações e vídeos para o público interno. E, claro, compramos e distribuimos máscaras a todos os colaboradores, além de produzir e distribuir álcool em gel para reforçar as regras de higiene.

Quais efeitos da pandemia você viu no comportamento dos funcionários?

Percebemos um aumento dos casos de ansiedade, dado as preocupações com os riscos da doença e o aumento progressivo dos casos graves e óbitos nas estatísticas nacionais e mundiais. Essa percepção era maior no começo da pandemia, quando tínhamos pouco conhecimento sobre o comportamento da COVID-19, sabíamos pouco sobre as medidas de proteção e não tínhamos perspectivas ainda de vacinas. [A ansiedade] também aumentou nos momentos em que a situação epidemiológica no Brasil piorava. Hoje, creio que o isolamento social seja o principal fator para ansiedade das pessoas, que tiveram que se distanciar dos familiares, amigos, restringir viagens. Muitos permaneceram em casa durante as férias, um período importante para o descanso físico e mental.

Como foi a resposta dos colaboradores diante das iniciativas de prevenção? Que dificuldades vocês encontraram nesse processo de adaptação e conscientização?

A maior dificuldade foi a mudança de comportamento: uso de máscaras, distanciamento social, incorporar o uso de álcool em gel no cotidiano. Tudo isso demanda uma mudança de hábitos, que não acontece da noite para o dia. Tivemos que reforçar comunicação e orientações, até que todas as medidas se tornassem rotineiras. Não foi fácil, mas acredito que hoje todos já entenderam a importância e incorporaram esses cuidados no dia a dia.

Há uma preocupação da companhia em educar seus trabalhadores no que diz respeito à disseminação de notícias falsas sobre a COVID?

Sim! Esse mês já fizemos quatro webinars com especialistas renomados, inclusive da Anvisa, para combater a desinformação, principalmente em relação às vacinas. Nosso time de saúde está à disposição para esclarecer dúvidas e orientar sobre qualquer tema de saúde, incluindo a COVID-19. Se identificamos a necessidade, preparamos encontros com especialistas para tratar do assunto, abertos para todos participarem.

Considerando a situação atual da pandemia, com crescente abertura das atividades econômicas, quais os principais desafios dos gestores de saúde corporativos?

Neste momento, entendo que os maiores desafios são combater as desinformações sobre vacinas, contribuindo para ampliar a cobertura vacinal dos trabalhadores e suas famílias, convencer sobre a necessidade de manter as medidas de proteção enquanto não temos ampla cobertura vacinal e identificar casos de complicações ou sintomas prolongados de COVID-19, de forma a garantir o acesso adequado a tratamentos e reabilitação. ■

